

Pornografia e as políticas da raiva e da subversão*

M. Masud R. Khan

PORNOGRAFIA: imagens ou textos obscenos com intuito de provocar excitação sexual.

(*The Penguin English Dictionary*)

Aceito que a definição acima seja adequada, e tentarei examinar a natureza da “provocação” e a qualidade da “excitação sexual” gerada pela literatura e por imagens pornográficas. Para defender meu ponto de vista, apresento dois exemplos de escrita pornográfica, tomados aleatoriamente:

“Sim, gostoso” Sua voz chegou a ele, quase como um grito, assim pareceu, enquanto uma névoa quente, branca e rodopiante começou a envolvê-lo, “Sim, SIM, GOSTOSO” ela disse – O braço dele deslizava, penetrante, quase até o cotovelo, ele estava encharcado, quase fora de si, começou a golpear, golpeou e golpeou, ela se contorcia embaixo dele, eram golpes pulsantes, ele golpeou mais rapidamente, sentindo que as profundezas dela iam ao encontro do seu punho amoroso, cada vez mais ele enfiava dentro dela, ele golpeou e golpeou, ela começou a gritar, era um sonho selvagem, o suor escorria dele, ela não poderia estar mais encharcada, ele mergulhou e golpeou, quase até o cotovelo.

(F. Pollini, *Pretty maids all in a row.*)

Mohamed Raza Masud Khan (1924-1989). Psicanalista de origem paquistanesa, membro da Sociedade Britânica de Psicanálise, graduado em literatura inglesa pela Universidade de Punjab.

*Tradução de Khan, M. M. R. (1972/1998). *Pornography and the politics of rage and subversion*. In: *Alienation in perversions* (Maresfield Library, col.). Londres: Karnac. Permissão gentilmente concedida por Taylor & Francis Informa UK Ltd., transmitida por meio do Copyright Clearance Center, Inc. Trabalho publicado originalmente em *Times Literary Supplement*, em 04 de fevereiro de 1972.

Um homem, que nunca víramos antes, contou aquela amável prostituta, chegou à casa e propôs uma cerimônia bastante incomum: ele queria ser amarrado a um dos lados de uma escada: nós prendemos suas coxas e a cintura ao terceiro degrau e levantando seus braços acima da cabeça, amarramos seus pulsos no degrau mais alto. Ele estava nu. Uma vez firmemente amarrado, foi ferozmente espancado, golpeado com o cabo quando os nós nas pontas das cordas ficavam gastos. Ele estava nu, repito, não houve necessidade de encostar um dedo nele, nem ele próprio se tocou, mas depois de receber uma surra violenta, seu mons-

truoso instrumento subiu como um foguete, balançou entre os degraus da escada, pairando como um pêndulo e logo depois, lançou impetuosamente sua porra no meio da sala. Foi desamarrado, pagou, e isso foi tudo.

(Sade, *Os 120 dias de Sodoma*.)

Até mesmo um exame superficial dos eventos somáticos descritos não deixa dúvidas quanto à sua impossibilidade física para uma mulher e um homem. Enfiar o punho e o braço inteiros nos órgãos genitais implicaria ruptura, violência e enormes danos ao órgão envolvido. Mas o autor desconsidera tudo isso. Ao contrário, a sensação relatada é de êxtase prazeroso. Da mesma forma, a personagem de Sade, após a surra recebida, de forma alguma fica debilitada ou ferida; após o evento, vai embora simplesmente com vigor. E o exemplo citado, conforme os padrões de Sade, é bastante moderado. O fato de pessoas serem gravemente feridas, de meninas serem mutiladas em orgias sexuais, de terem os dedos dos pés cortados etc., é rotineiro nas aventuras empreendidas pela *écriture* de Sade. Não importa o que seja feito ao corpo humano, esse nunca fica realmente danificado nem incapacitado. Após o evento, cada personagem permanece a mesma de antes. A dor nada impede e nada ensina. A Justine de Sade permanece íntegra, inocente e ignorante do início ao fim dessa narrativa.

Se os eventos somáticos descritos numa *écriture* pornográfica – prefero usar a noção francesa de *écriture* à palavra inglesa “escrita” (*writing*), pois implica uma intenção específica no uso das palavras – são totalmente inviáveis em termos do corpo humano real e de suas capacidades, então coloca-se a questão: de onde derivam a autenticidade e o potencial desses “eventos somáticos” para estimular sexualmente o leitor? A resposta está no uso especializado das palavras na pornografia. Elas não descrevem a experiência humana, mas simulam ou fabricam, em vez disso, um evento somático totalmente não humano. O próprio absurdo e a inviabilidade desse evento lhe conferem um novo poder: tendo transcendido os limites físicos inatos do corpo humano de sentir dor e excitação.

Esse uso especializado das palavras tem outra característica: a mentalização do instinto. Não descreve experiências sexuais humanas espontâneas e compartilhadas, mas eventos extremamente elaborados e sintéticos que são uma fabricação da mente por meio de palavras. Embora, declaradamente, as experiências devam ser físicas e concretas, na verdade, esses eventos só podem acontecer na mente e naquele vazio ilusório que é o terreno da pornografia. Tal característica coloca a pornografia fora do âmbito da ética e da moralidade. Ela só pode ser avaliada do ponto de vista estético e psicológico, não do ponto de vista judicial ou ético.

Uma vez que a pornografia é exclusivamente um jogo mental pervertido, que pouco tem a ver com experiências sexuais comuns, é necessário examiná-la mais de perto, estética e psicologicamente. A estética da pornografia é um conglomerado de carências. Raramente alcança a qualidade da literatura propriamente dita. Com as devidas escusas a Apollinaire, Jean Paulhan, Geoffrey Gorer, Georges Bataille e Roland Barthes, ninguém pode realmente reivindicar quaisquer virtudes para o estilo de Sade. Temos de admitir que a *écriture* de Sade é tediosa, opressivamente repetitiva e pouco inventiva – os mesmos eventos somáticos são fabricados num espaço claustrofóbico com insistência obsessiva e infatigável. Também há pouca imaginação, inventividade ou caracterização na pornografia e Sade, mais uma vez, é o principal exemplo. Nunca há qualquer emoção, relação de objeto ou experiência de self. Mas, antecipo: isso pertence ao exame psicológico.

Ao considerarmos a pornografia do ponto de vista estético, descobrimos que ela é tão falsa em suas pretensões literárias quanto falha em sua aspiração de veicular intensas experiências instintivas. Os escritores pornográficos tiveram sorte nisso, devido aos protestos histéricos de europeus indignados, criados em suas tradições puritanas. A questão toda foi desviada. A verdadeira questão não é a da imoralidade da pornografia, mas a de ser uma literatura constrangedoramente ruim. Uma situação irônica e absurda surgiu em relação à pornografia nas culturas europeias contemporâneas. Embora os escritores pornográficos se envolvam em debates intermináveis com os moralistas culturais – os guardiões anacrônicos e eunucos da vitalidade em declínio da cultura –, eles são dogmaticamente intolerantes a qualquer sugestão de que a pornografia comercialize literatura de má qualidade e psicologia doentia a indivíduos desprovidos de recursos e de meios para avaliá-la e que podem apenas se tornar seus infelizes cúmplices.

Essa é a primeira área cultural em que a pornografia é mais subversiva. Uma vez que não se baseia nem amplia a imaginação e a sensibilidade do leitor, oferece-lhe um mundo limitado de palavreado onipotente, sugerido e fabricado como eventos somáticos, com os seus clímaxes e orgasmos falsos embutidos, perante os quais o cúmplice só pode sentir-se, ao mesmo tempo, complacente e excitado. Se é que podemos usar essa palavra, a genialidade da pornografia reside em iludir a confiança. Alia-se à incapacidade de determinado indivíduo e de determinada cultura para atualizar experiências de iniciativa pessoal – quer como vida real, quer como literatura. É a vingança do escritor incapaz contra a tradição da verdadeira literatura numa cultura. Se uma cultura leva séculos para materializar, por meio de um dos seus membros, as *Confissões* de um Rousseau ou os *Quatro Quartetos* de um Eliot, o que faz surgir um

Sade ou um William Burroughs implica tão-somente vício desesperado ao sofrimento pessoal.

O principal pecado da pornografia – sendo necessário usar esse conceito, já que a pornografia se tornou sagrada hoje em dia – é não ser literatura propriamente dita. Não, muito pior, é que sua intenção e sua realização visem deslocar a literatura do seu papel vital na vida do indivíduo e da cultura. A pornografia nega a imaginação, o estilo e a tradição da luta humana de usar a linguagem para se conhecer e se aprimorar.

Deixe-me agora abordar os aspectos psicológicos da pornografia. O que proponho é um ponto de vista pessoal ou, para usar uma frase oportuna de Nietzsche, “ficções reguladoras”. Minha formação e prática psicanalíticas naturalmente me direcionaram para determinado sentido e emprestaram uma tendência conceitual específica às minhas “ficções reguladoras”. Acredito que a pornografia aliena seus cúmplices – não se pode falar deles como leitores – tanto de si próprio como do *outro*. O que se disfarça de intimidade mútua e extasiante por meio de eventos somáticos é, na verdade, uma produção mental estéril e alienada. Essa foi a característica que me levou a observar que a pornografia rouba os sonhos. Nela não há espaço para o devaneio nem para as relações de objeto. Tudo é aprisionado por meio das palavras em um jogo violento e tirânico com o próprio self corporal e o *outro*. Seu tempo é o presente perpétuo e estático. Daí, a atmosfera nostálgica da pornografia.

Anna Freud (1952) diagnosticou como dilema essencial nas formações perversas o pavor da entrega emocional. Pode-se argumentar que o dilema crucial da pornografia reside na incapacidade de entrega sensual. Nisso reside o fascinante paradoxo que está na raiz da pornografia. Ela se dedica, declaradamente e de maneira militante, à descrição de estados de sensualidade extasiante e de abandono a um prazer orgástico recíproco. Mas tudo o que ela concretiza é uma competência orgiástica na manipulação física do próprio self corporal e dos órgãos corporais do *outro*. Por isso, há uma certa qualidade maníaca que infesta a narrativa. Ao leremos os dois exemplos que citei, não podemos deixar de sentir neles uma certa característica muito semelhante a um ataque apoplético.

A próxima questão, portanto, vem a ser: de que natureza é o afeto que esses eventos somáticos tentam atualizar, exteriorizar e distribuir (não sendo possível ser dito compartilhar). Minha resposta para isso é: *raiva*. A única verdadeira conquista da pornografia é transmutar a raiva em eventos somáticos eróticos. Uso deliberadamente a palavra “transmuta”, e não “sublima”. Devido ao uso peculiar das palavras nessa *écrature*, não existe nada da assimilação ou da elaboração do afeto de raiva que a sublimação implicaria. Ela ab-reage e encapsula a raiva transmutada em

eventos somáticos prazerosos, mas com a violência da raiva ainda presente. Ora, como Barrington Cooper observou certa vez, a violência não é uma emoção conflituosa; ela implica uma exigência absoluta de submissão. O que na saúde pode ser experimentado como entrega sensual, na pornografia torna-se submissão abjeta por meio de eventos violentos. Mas, como mostra meu exemplo de Sade, trata-se de degradação tanto feminina como masculina. Genet também nos proporcionou esse espetáculo bizarro de degradação, mutilação e submissão violenta em termos vívidos, hieráticos e alucinatórios.

A capacidade da pornografia para transmutar a raiva latente em acontecimentos violentos e eróticos encapsulados na linguagem confere-lhe três funções potentes: subversão, terapêutica e instrução. É subversiva na medida em que nega a *pessoa* por meio da sua experiência somática. O cúmplice/leitor só pode alcançar e participar desse tipo de *écriture* em estados muito específicos de despersonalização e dissociação. É terapêutica na medida em que transmuta a ameaça de violência e destruição totais da raiva latente no indivíduo e na cultura em linguagem erotizada, dosificada e distribuída de modo manejável. De maneira macabra, a terapêutica da pornografia cumpre a exigência de Freud para o tratamento analítico: “onde era Id, há de ser Eu”. Na pornografia, tudo é Eu e apenas Eu; sem Id, sem corpo, sem pessoa. O Id, a pessoa e o corpo são simplesmente explorados para estabelecer e concretizar a maquinaria dos eventos somáticos. Sua instrução reside no fato de precisar *ensinar* os truques ao seu cúmplice/leitor para que ele possa participar da sua realidade peculiar. Assim, uma vez mais, o Divino Marquês ditou o passo quando escreveu, muito conscientemente, a sua *Filosofia na Alcova*. No postulado de Madame de Saint-Ange a Eugénie: “Que as atrocidades, os horrores, que os crimes mais odiosos façam você admirar o mais proibido, isso é o que melhor desperta o intelecto... isso e nada mais, minha Eugénie; o que há de mais imundo, de mais infame, é o que sempre nos faz espantar mais deliciosamente”. Sade, de maneira perspicaz, expôs o papel onipotente do intelecto nesses eventos somáticos e a ausência de instinto.

Esse hiperfuncionamento específico do intelecto, por meio da criação de eventos somáticos aprisionados em palavras, não só aliena como também isola o leitor/cúmplice, tal como acontece com as personagens da pornografia. Geoffrey Gorer (1965), em artigo sobre “A pornografia da morte”, aborda esse fenômeno de modo interessante:

A pornografia, por outro lado, a descrição de atividades tabus para produzir alucinação ou ilusão, assemelha-se a um fenômeno muito raro. Provavelmente, só pode surgir nas sociedades letreadas e, com certeza, não temos registos

dela nas não letradas; pois, enquanto o prazer da obscenidade é predominantemente social, *o prazer da pornografia é predominantemente privado*.

Argumento que essa privacidade, ou aquilo a que chamo isolamento, é mais uma função subversiva da pornografia. O fato banal é que a pornografia é de maneira ampla, se não exclusiva, utilizada para masturbação.

Sartre, no seu gigantesco estudo *Saint Genet - Ator e Mártir*, ao discutir a função total da masturbação nos livros de Genet, diz o seguinte:

Procurando excitação e prazer, Genet começa por se envolver nas suas imagens como a doninha se envolve no seu odor. Essas imagens suscitam por si próprias palavras que as reforçam; muitas vezes permanecem incompletas; são necessárias palavras para completar o trabalho; palavras essas que obrigatoriamente sejam pronunciadas e, afinal, escritas; a escrita evoca e cria seu público; *o narcisismo onanista acaba por ficar estancado nas palavras*. Genet escreve em estado de sonho e, para consolidar seus sonhos, sonha o que escreve, depois escreve o que sonha, e o ato de escrever o desperta. *A consciência da palavra é um despertar local dentro da fantasia; ele acorda sem parar de sonhar*.

Não estou tão convencido como Sartre de que o fenômeno do sonho esteja envolvido nos escritos de Genet; parece-me o oposto. Toda a fantasia onanista compulsiva de Genet compensa tanto sua incapacidade de sonhar quanto sua incapacidade de se relacionar com o outro. E a pornografia, nesse sentido, é uma objetivação dessas incapacidades nos seus autores. Pode-se ir ao extremo e dizer que a pornografia é pouco mais do que masturbação em grande escala. Ou, no postulado de Sartre, “o onanista quer se apropriar da palavra *como um objeto*”.

Se, do ponto de vista estético, a pornografia carece de imaginação e, do psicológico, tanto de emoção quanto de relação de objeto – e se, fisicamente, ela é sintoma da ausência de ímpeto instintivo espontâneo e de desejo –, então pode-se defini-la como exclusivamente preocupada com a busca mental de sensações, excluindo emoções e relações de objeto. Ela visa evocar eventos somáticos por meio de palavras e essa é sua única realidade. Se um cúmplice/leitor se torna viciado demais na realidade específica da pornografia, então, definitivamente, há a interrupção de suas próprias capacidades internas para crescer e se personalizar como ser humano adulto. O problema com a pornografia não é ela ser contra a lei de Deus, mas contra a lei da natureza, na medida em que subverte o crescimento do adulto humano na aquisição da individualidade.

Até aqui, usei o conceito de “eventos somáticos” e dei dois tipos de exemplos deles. Mas é preciso examinar mais detalhadamente o cará-

ter desses eventos. Embora se assegurem como de natureza sexual, na verdade, a sexualidade é simplesmente explorada para expressar violência e raiva, seja contra o próprio corpo ou contra o corpo do outro. Os defensores da pornografia e os próprios escritores pornográficos muitas vezes afirmam que tentam sanar as inibições da experiência instintiva do indivíduo de preconceitos culturais pudicos. Sua alegação é que tentam libertar o indivíduo, tornando o seu self instintivo e sexual mais vital e sensível. Entretanto, a pornografia alcança, na verdade, o oposto daquilo que pretende. Como Sade e Sartre salientaram, a mente e a palavra usurpam, de fato, a função natural do instinto na experiência humana e se apropriam indevidamente do impulso instintivo para uma mistura hipermalta de imagens muitas vezes brutais, a fim de estabelecer eventos somáticos que desconsideram a pessoa e o ser das personagens.

Observa-se, portanto, que há um tipo específico de cisão envolvida na preparação desses eventos. Em primeiro lugar, a pulsão sexual instintiva é dissociada da expressão corporal natural, do partilhar e da gratificação advinda da relação com o objeto. Em segundo lugar, essa mutilação da pulsão sexual é então utilizada para criar um tipo muito específico de violência por meio da linguagem, violência que é ainda mais erotizada para torná-la palatável. Mas os fatos permanecem os mesmos: a negação do self e do objeto. Nessa redistribuição específica das pulsões instintivas sexuais e agressivas é que reside a verdadeira patologia da pornografia. Esta substituiu a liberdade sexual e o compartilhar por um ato mental de coerção do self corporal e do objeto em posições extremas de submissão e humilhação. Nesse contexto, pode-se dizer que a política da pornografia é inherentemente fascista.

Até aqui, debrucei-me, em geral, sobre o aspecto negativo da pornografia. No entanto, não se pode negar que uma revolução cultural se realizou através da pornografia, desde o Divino Marquês até Saint Genet. Que eu saiba, ninguém até agora tentou seriamente dar conta disso; e não se pode descartá-lo como um fenômeno irrelevante. A pornografia é sintoma de processos específicos de desvitalização do instinto numa cultura e no indivíduo, e, simultaneamente, uma tentativa de cura desse sintoma. Daí a minha ênfase na terapêutica envolvida na pornografia. Será necessário compreender melhor a natureza do sintoma e seu funcionamento, por um lado, e o caráter da revolução que a pornografia criou nas culturas europeias, por outro. É inútil afirmar que tanto o sintoma quanto a revolução podem ser eliminados pela legislação. Como indica a minha citação de Geoffrey Gorer, o advento da pornografia está muito ligado ao letramento e, nas últimas décadas, os meios publicitários acrescentaram à pornografia um vasto e novo vocabulário de imagens visuais.

Todos os pensadores sérios, sejam eles poetas, psicólogos ou filósofos neste século têm estado preocupados com a clara desumanização na relação do ser humano consigo próprio. Defendo que, com a Revolução Industrial e o advento da tecnologia científica nas culturas europeias, o homem começou a não se considerar nem à imagem de Deus nem à imagem do homem, mas à imagem de uma máquina que foi sua própria invenção; e a *écriture* e as imagens pornográficas tentam fazer do corpo humano uma máquina ideal, passível de ser manipulada para produzir o máximo de sensações. Essas sensações são derivadas do instinto, mas essencialmente agressivas na sua intenção. Aquilo a que David Holbrook chamou “o circuito do culto à morte” em certos tipos de literatura moderna é apenas uma face da moeda, sendo a outra o circuito pornográfico. Ambos são essencialmente niilistas em relação à realização do potencial psíquico do indivíduo, tanto no seu interior como na sua relação com os outros.

(Tradução de Tania Mara Zalcberg)



Resumo O autor examina a pornografia sob uma perspectiva estética e psicológica, confrontando a natureza da “provocação” e a qualidade da “excitação sexual” despertadas pela literatura e pelas imagens pornográficas com os processos de desumanização e desvitalização presentes tanto na cultura quanto no indivíduo.

Palavras-chave pornografia, raiva, relação de objeto, desvitalização.

Pornography and the politics of rage and subversion

Abstract The author explores pornography from an aesthetic and psychological perspective, contrasting the nature of “provocation” and the quality of “sexual excitation” evoked by literature and pornographic images with the processes of dehumanization and desvitalization present both in culture and in the individual.

Keywords pornography, rage, object relation, desvitalization.

Referências

- Freud, A. (1968). A connection between the states of negativism and of emotional surrender (1949). In: *The Writings of Anna Freud, Vol. 4: Indications for Child Analysis and Other Papers*. Madison, CT: International Universities Press.
- Gorer, G. (1965). The pornography of death (1962). In: *Death, Grief and Mourning in Contemporary Britain*. London: Cresset Press.
- Sade, M. de. (1965). Philosophy in the bedroom. In: *The Marquis de Sade*. New York, NY: Grove Press.
- Sade, M. de. (1954). *The 120 Days of Sodom* (P. Casavini, Trans.). Paris: Olympia Press,
- Sartre, J.-P. (1965). *Saint Genet: Actor and Martyr*. New York, NY: Braziller.
- Pollini, F. (1968). *Pretty Maids All in a Row*. New York, NY: Delacorte Press.

DOI

10.5935/0101-3106.v47n79.10